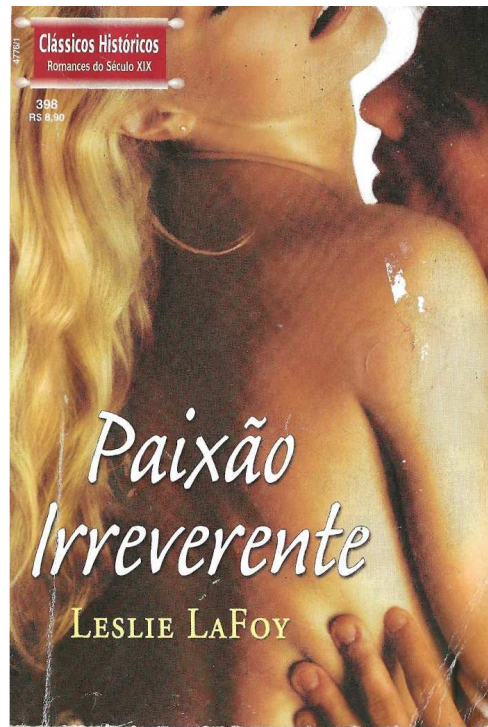


Paixão Irreverente

Her Scandalous Marriage

Leslie LaFoy



Londres, 1878

Propostas Ilícitas

Filha ilegítima de um lorde decadente, Caroline Turnbridge vem obtendo sucesso como modista em Londres e está contente por não depender de homem algum. Isso até que entra em sua loja um duque devastadoramente bonito e começa a lhe dar ordens.

Tolas Atrações

Drayton MacKenzie, o novo duque de Ryland, amaldiçoa seu novo destino determinado por um parente distante. Para receber sua herança, ele precisa transformar em educadas damas as três filhas ilegítimas do falecido duque e lhes arranjar casamentos vantajosos. Duas delas são ainda crianças, mas Caroline é uma linda mulher, cuja beleza rivaliza com sua teimosia.

Paixões Proibidas

Agora sob a proteção do duque, Caroline é tratada como uma lady e precisa se preparar para arranjar marido na próxima estação de festas. Porém, ela se vê envolvida em uma paixão por seu protetor; paixão que caminha inevitavelmente para o escândalo.

Digitalização: Ana Cris
Revisão: Andréa

Projeto
PR
Revisoras

Querida leitora,

Caroline Dutton trabalhava despreocupadamente em seu ateliê de costura quando Drayton MacKenzie aparece como que por encanto para mudar o curso de sua vida. Para melhor, é claro! Porém, uma tarefa que poderia ser simples, torna-se difícil desde o primeiro encontro quando, ela, dona de uma personalidade forte, se recusa a acompanhá-lo...

Uma história salpicada por cenas divertidas e sensuais que fará você "devorar" cada página deste romance!

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2006 by Leslie LaFoy

Originalmente publicado em 2006 pela St. Martin's Press

PUBLICADO SOB ACORDO COM ST. MARTIN'S PRESS — NY, NY —
USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural. Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: HER SCANDALOUS MARRIAGE

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves

Paula Rotta Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Elizabeth Arantes Bueno

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlueck

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Estúdio Editores.com

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10º andar — CEP 05424-010 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Caroline parou de ajeitar o vestido no manequim da vitrine para observar a carruagem negra que estacionava diante de sua loja. Era um veículo luxuoso, não muito comum naquela área de Londres. Só Deus podia saber o que viera fazer ali o homem que agora descia e conferia o nome da loja. O nariz empinado e a testa franzida eram sinais claros de seu desdém pelo lugar e, provavelmente, pelo estabelecimento. Isso provava que alguns dias já começavam mal.

A sra. Hobson tinha esperado que ela abrisse a loja para declarar que havia vindo escolher outro tecido para o seu vestido, era a terceira vez na mesma semana. A sra. Ferrer reclamara que um dos lados junto à cintura de seu novo traje tinha se descosturado, isso sem reconhecer que havia engordado, e assim a roupa não conseguira resistir à pressão. Não tinha demorado e eis que a sra. Smythe aparecera com as quatro filhas para provar pela última vez os vestidos que usariam no casamento de uma prima na semana seguinte. Caroline havia visto poodles menos mimados do que as garotas Smythe. E menos inclinados a morder.

Naquele momento... Bem, se o estranho parasse de fazer caretas, seria um homem incrivelmente bonito. Alto, cabelos escuros, queixo bem delineado e rosto de traços perfeitos. Não muito jovem, mas certamente não passava dos trinta anos.

Pernas longas, peito e ombros largos. Resumindo, era o príncipe encantado de qualquer costureira. Decerto havia um alfaiate de nome por trás do traje bem cortado que usava, já que a caída era excelente e o tecido de uma lã caríssima. Dada a qualidade do vestuário, o chapéu deveria ser feito de pele de castor.

Sim... sem dúvida nenhuma, aquele que vinha entrando na loja, decerto era um homem de bens e de muito bom gosto, que se movia com graça e autoridade naturais.

— Boa tarde, senhor — Caroline cumprimentou, um pouco ofegante, quando ele empurrou a porta e tirou educadamente o chapéu. — Em que posso ajudá-lo?

— Quero falar com a dona desta loja. — A voz era profunda e agradável.

— Sou a dona — ela respondeu, distraída em olhar os lábios do cavalheiro, concluindo que deveriam beijar bem.

— É a srta. Caroline Dutton?

Como ele sabia seu nome? Bom Deus, seria um advogado a mando de alguma freguesa descontente?

— Sim, sou eu mesma — afirmou, o coração agora batendo mais forte. — O que deseja, senhor?

— Sou Drayton Mackenzie, duque de Ryland.

Ryland? Bem, aquilo já dizia muito. O coração foi se acalmando e aos poucos

voltou à batida normal.

— Por que o senhor está aqui? — ela perguntou, tentando parecer fria.

— Porque fui amaldiçoado.

— Oh, então lamento não poder ajudá-lo — Caroline replicou, voltando a se ocupar com o vestido da filha mais velha da sra. Smythe. — Mas ouvi falar de uma mulher em Whitehall que pode remover maldições pelo preço de uma garrafa de bebida.

— Fui amaldiçoado por seu pai.

— Ah, isso fomos todos nós. — Caroline colocou o tecido contra a luz para ver o efeito.

— Do além-túmulo.

Por que isso não a surpreendia? Por que não se perturbava nem um pouco em saber que o pai, que a rejeitara, havia morrido?

— Devo admitir que não estou admirada.

— Não vim até aqui para impressioná-la, senhorita.

Caroline encarou o duque. Chegou a se surpreender que ninguém houvesse quebrado seu nariz antes. Infelizmente.

— É um alívio, já que o senhor também não me sensibilizou absolutamente. — Ao menos em qualquer outro aspecto que não fosse o físico, ela acrescentou em pensamento. Caroline afastou uma cortina que separava a loja da sala de costura e sumiu lá dentro, continuando, porém, a falar com o duque: — Estava me referindo ao fato de que meu pai continua fazendo as pessoas dançarem conforme a música que ele toca, apesar de já ter passado para o outro mundo.

Drayton rangeu os dentes e observou a cortina que agora o separava de Caroline. Sim, o querido primo Geoffrey sempre controlara as pessoas. Não bastava que o tivesse feito enquanto vivo, agora havia transferido tal incumbência ao seu advogado, para que a manipulação pudesse continuar pela década seguinte.

Talvez até por mais tempo, que Deus não o permitisse. Não que viesse a ser difícil cumprir as determinações deixadas por Geoffrey quanto a Caroline Dutton. Ela era bonita, alta e tinha um corpo de fazer os homens suspirarem. Sem contar os cabelos de um tom loiro cor de mel, os brilhantes olhos azuis e o provocante atrevimento...

Drayton não tinha a menor dúvida da capacidade daquela mulher de levar os homens a fitarem-na cada vez que ela passava. E das esperanças e fantasias que certamente provocava na cabeça de todos...

Procurou se lembrar de que sua tarefa ali não era arranjar uma amante. Não, ele tinha o dever de fazer com que ela se tornasse a mais intocável das damas e, para tal, deveria providenciar o mais vantajoso dos casamentos para ela. Que desperdício para uma mulher nascida tão sedutora. Mas, desde que se tratava de uma decisão de Geoffrey e a lei estava pronta para forçá-lo àquela missão...

Caroline deixou a sala de costura e voltou à loja.

— Deixe-me começar tudo novamente — Drayton pediu. — Estou aqui para desempenhar as funções que estão ligadas ao meu direito de herdeiro das

propriedades de seu falecido pai.

— Oh, entendo.

— Entende o que exatamente?

— A razão que o trouxe a este lugar bem abaixo de sua importância — Caroline respondeu. — Foi obrigado a isso por força do destino.

— Não estou acostumado com ambientes como este.

— Oh, com certeza. Reparei quando vi o seu nariz empinado ao descer da carruagem.

Ele tentou se controlar, mas falhou. Se Geoffrey não estivesse morto, Drayton o mataria naquele instante.

— Se eu conseguisse a sua total atenção... — ele disse, ríspido e determinado a retomar a situação.

Caroline suspirou e o encarou com uma das sobrancelhas erguidas.

— Pode continuar — ela o instruiu. — E depois, por favor, siga o seu caminho. — Os olhos da jovem estavam mais escuros devido à raiva.

— Quando seu pai soube que a morte se aproximava, resolveu retificar o que considerava os erros que cometera ao longo da vida. Assim, além de fazer donativos a várias entidades beneficentes, reservou fundos para manter os filhos de forma apropriada.

Caroline procurava manter um sorriso no rosto mesmo que forçado.

— Tenho certeza de que ficaram bastante gratos. E o que isso tudo tem a ver comigo?

— É filha dele.

— Filha ilegítima — ela contestou friamente.

— Mas o descendente legítimo não sobreviveu para assumir o título. Ou, como se costuma dizer, ele falhou ao sobreviver ao pai. Nós éramos parentes distantes. — Drayton procurou escolher as palavras com cuidado. — Nos encontramos somente uma vez. Não posso dizer que saí do encontro com a impressão de que ele fosse um ogro ou um homem deliberadamente mau.

— Pois o senhor teve um encontro a mais com ele do que eu. As impressões que tenho de meu pai vieram por intermédio de minha mãe. Perdoe-me se não estou empolgada com a possibilidade de partir para o sul da França, e viver uma existência de total abundância com as sacolas de dinheiro que ele me deixou. Sei o suficiente sobre o meu nascimento e as tendências de ele em manter distância entre nós. Assim como minha mãe, devo seguir o meu caminho.

— Acredito já ter mencionado alguma coisa sobre o arrependimento de Geoffrey ao fim da vida.

— Oh, sim, é verdade — ela concordou, seguindo novamente para a saleta de costura, dessa vez com uma cesta na mão. — O senhor pode deixar a sacola de moedas sobre o balcão e considerar a sua missão cumprida.

A mulher era de enlouquecer qualquer um! A obrigação que tinha em mãos não era para ser tão difícil como Caroline a estava tornando. Drayton a seguiu até a cortina

que separava as salas.

— Senhorita, eu apreciaria se parasse de andar de um lado para outro enquanto estivermos conversando.

Ela encarou o duque junto à mesa de trabalho sobre a qual havia uma peça de tule e arqueou a sobrancelha.

— Se uma sacola de moedas fosse a parte que coubesse à senhorita, eu a teria enviado por um mensageiro e não teria me dado o trabalho de vir aqui. Como condição do testamento para que eu receba a minha herança, seu pai exigiu que eu me encarregasse pessoalmente da responsabilidade de que a senhorita seja reconhecida como filha dele. Afora isso, preciso lhe arranjar um casamento vantajoso.

Caroline arregalou os olhos, surpresa com o que acabara de ouvir.

— O que disse?

— Se uma sacola de moedas...

— Não sou surda — ela interrompeu o duque, movendo a cabeça com um gesto muito feminino. — Ouvi o que falou. Minha surpresa se refere ao reconhecimento e ao arranjo para um casamento. Por que de repente ele se preocupou com essas coisas?

— Posso apenas deduzir que estivesse movido pelo arrependimento.

Caroline arqueou novamente a sobrancelha e sua voz soou cheia de sarcasmo:

— A obrigação de justificar o comportamento a São Pedro deve, sem dúvida, ter contribuído nas decisões tomadas por meu pai.

— Talvez — Drayton concordou, dando de ombros. — Não posso falar sobre quais motivos espirituais possam tê-lo movido a tomar tais atitudes. O fato é que ele queria que a senhorita usasse o nome paterno para assegurar uma elevação em seu status social e financeiro.

Caroline revirou os olhos.

— E quantos nobres o senhor conhece que possam vir a se interessar seriamente por uma filha bastarda que completou vinte e três anos de idade?

— A senhorita se surpreenderia com o número.

— Uma filha bastarda que passou os últimos cinco anos de sua vida lidando com...

— Ela olhou em volta. — Oh, droga, lidando com comércio?

— Pois repito que ficaria surpresa de saber quantos são os homens dispostos a se casar em troca de um dote substancial.

E ter a oportunidade de tocar neste seu corpo deslumbrante, ele desejou acrescentar.

— Pois prefiro ser deixada em paz sem marido algum.

— Infelizmente, nenhum de nós dois têm direito a uma escolha nessa questão em particular.

Caroline observou o duque por um momento.

— Por acaso pretende me tirar de minha loja à força, colocar-me em algemas e me oferecer em leilão pelo maior lance?

Bem, Drayton não pretendia fazer nada tão agressivo, porém não o admitiria de modo algum.

— Se for preciso, será isso que farei.

Ela riu com gosto.

— E pensar que em um primeiro momento o senhor me pareceu um homem civilizado. Deve estar precisando desesperadamente de dinheiro.

E uma vez mais ele se encontrou no lado errado da cortina. Passou a mão sobre o queixo em um gesto de indecisão. Por fim, dirigiu-se para o outro lado.

— Minha situação não é relevante no momento. — ele mentiu. Com o balcão os separando, enfrentou o olhar de Caroline. — Fui encarregado de ser seu guardião, garantir que se case de forma apropriada. Empregarei todos os meios que forem necessários para alcançar esse objetivo.

— Verdade?

Uma única palavra dita em tom de desdém... Drayton enfiou a mão no bolso e de lá tirou o seu ás, isto é, o seu trunfo, colocando-o sobre o balcão.

— Este é um aviso do proprietário desta loja, anunciando a venda do imóvel — ele explicou, apontando para o papel.

— Oh, deixe-me adivinhar. — A cor dos olhos de Caroline era de um azul profundo. — Ele a vendeu para o senhor. E, claro, agora percebo que quer aumentar o aluguel a um nível astronômico. Isso se eu me negar a desempenhar a minha parte, aliviando a consciência de meu falecido pai e assegurando o seu direito às propriedades descritas no testamento.

— Bem, o aluguel agora é de duzentas libras ao mês. Pagamento antecipado do primeiro semestre. O que significa a soma de mil e duzentas libras neste momento. — Drayton estendeu a mão como que para receber a quantia. — Na ausência de um administrador, desta vez eu mesmo receberei o pagamento.

Caroline respirou fundo e considerou as suas possibilidades. Nenhuma delas era agradável. Se tivesse uma corrente e um cadeado, poderia prender-se ao fogão de carvão que havia na sala de costura, evitando assim que o duque a arrastasse para fora da loja. Mas não os tinha. O duque resumira todo o dilema ao dinheiro... Não adiantava entrar em uma briga da qual sairia fatalmente perdendo. Porém, render-se sem qualquer protesto estava fora de cogitação. Ela então levantou o queixo em desafio.

— Por favor, considere como definido que pretendo transferir imediatamente os meus negócios para outro estabelecimento.

— Ainda há a falta do pagamento do aluguel deste mês — ele acrescentou, como se tivesse previsto tal reação. — Lamento, mas terei de aceitar as suas mercadorias como forma de pagamento.

Claro. Aquele homem era tão cruel quanto bonito.

— O senhor é um bastardo por nascimento assim como o é pelo modo que age?

Os olhos escuros de Drayton brilharam de raiva. Mas a voz dele saiu suave:

— Dizer blasfêmias não vai adiantar nada. A senhorita é filha de um duque.

— Sempre fui filha de um duque. Não que isso tivesse qualquer significado até o presente momento.

— Mas chegou o dia em que seu destino vai mudar para sempre. Por favor, pegue

suas coisas, escolha os itens pessoais ou algo de valor sentimental que queira levar para a sua nova vida.

O duque dera as suas ordens e havia estalado os dedos. Cabia a ela apenas obedecer.

Caroline contou até dez, tentando se controlar.

— Não posso sair por aquela porta neste instante, trancá-la e passar a chave.

— Por que não?

— Isto aqui é um negócio — ela explicou. — Tenho clientes a quem devo produtos e satisfações. Elas me fizeram depósitos e devo manter as minhas promessas. Sem contar o desapontamento e decepção. Minha reputação profissional estará arruinada se eu simplesmente largar tudo e partir.

— A sua reputação como modista agora não tem o menor significado.

— E quanto à minha assistente? — Caroline perguntou em tom desafiador. — Ela vai voltar à loja mais ou menos daqui a uma hora. O que ela vai fazer quando der com a porta fechada e trancada.

— Deixe um bilhete dizendo que agora ela é livre para encontrar outro emprego.

— E minha reputação pessoal? — Caroline parou para respirar melhor. — Suponho que não haja em sua carruagem uma acompanhante para mim.

Ele deu de ombros.

— Às aparências não importam muito até que a senhorita seja reconhecida pela sociedade. Agora, por favor, reúna os seus pertences. Temos muito a fazer hoje e isto aqui já me tomou mais tempo do que o planejado.

Longe dela se tornar uma inconveniência para o duque. Caroline cruzou os braços.

— E se eu me recusar a acompanhá-lo?

— Seus pertences ficarão para trás porque terei de carregá-la sobre os ombros. Que sujeito intolerante!

— Pois posso chutar e berrar — ela ameaçou, sem se importar de parecer uma criança caprichosa. — O espetáculo público o prejudicaria horrivelmente.

— É provável — Drayton o admitiu, com um meio sorriso. — O que significaria, claro, que eu não poderia voltar a esta parte da cidade outra vez. Uma tragédia que eu teria de enfrentar da melhor forma possível.

Agora ele estava sendo irônico ao extremo.

Oh, ela precisava encontrar um modo de vencer aquele homem detestável. Talvez pudesse fingir estar arrumando uma pequena mala e...

— Sim, a senhorita poderia escapar pela porta dos fundos enquanto estivesse apanhando as suas coisas. Mas esteja ciente de que meu criado está à espera da senhorita exatamente junto a essa porta.

Como o duque havia lido seus pensamentos, era um mistério que Caroline analisaria mais tarde. No momento, estava frustrada e ressentida demais para encontrar qualquer saída. Havia sido presa em uma armadilha.

— Pelo que vejo, o senhor antecipou todas as minhas possíveis reações.

— Procuo analisar a situação de todos os ângulos — ele informou. — Mas devo

confessar que estou surpreso com a sua atitude. Por que sente necessidade em parecer uma criatura obstinada? Estou lhe oferecendo a realização dos sonhos de qualquer moça. Riqueza, privilégio, casamento. O que poderia este... — Olhou em torno e fez um gesto apontando para a sala. — O que este lugar pode oferecer de igual valor?

Lugar? Ela procurou desesperadamente controlar a raiva. Não, sua loja não tinha um preço alto, não era um salão daqueles que escolhem seus clientes e apenas autorizam a entrada destes e recusam as pessoas menos afortunadas. Mas também não era um lugar escuso, que explorava o trabalho de escravos. Como o duque podia desmerecer a loja como se nada significassem os esforços gastos para torná-la como era? Como ousava entrar em sua vida e esperar que abandonasse em um instante tudo aquilo que ela e a mãe haviam conquistado a duras penas?

— Não sou mais uma garota. Sou uma mulher bem crescida. Não sonho em me tornar a esposa de algum homem rico ou pobre. E também não anseio por viver em castelos ou casas suntuosas; freqüentar bailes elegantes, usando trajes muito caros... Meu pai não se importou com os sonhos que eu pudesse ter enquanto estava vivo, ele nunca teve consideração por mim. Meus devaneios morreram bem antes que ele. Mas esta loja me oferece independência e proteção contra homens egoístas como ele. E o senhor.

Drayton a observou por um segundo como se ela fosse um exótico inseto egípcio, exposto em um museu.

— Seu pai está morto. Recusar-se a aceitar os erros dele em relação à senhorita não vai fazer a menor diferença nem a ele nem a ninguém mais. Simplesmente teria de passar o resto de sua vida da mesma forma como passou a primeira parte dela, vivendo à margem da respeitabilidade e apenas sobrevivendo economicamente.

E ele estava coberto de razão, é claro. Droga! Mas era muito humilhante a forma como o duque achava normal que ela jogasse fora todo o esforço despendido até aquele momento. Como se tivesse sido apenas uma distração enquanto ela esperava para se tornar uma princesa de um conto de fadas.

— Talvez a ajudasse pensar em sua mãe e naquilo que ela desejava para a senhorita — ele continuou.

Caroline tentou não se deixar levar pela fúria. O duque havia abaixado o nível a ponto de apelar para os supostos sonhos de sua mãe. Mas certamente, se a mãe estivesse viva, já a teria levado até a carruagem, ansiosa para vê-la ascender socialmente.

— O que sabe sobre as aspirações de minha mãe? — Caroline perguntou, tentando considerar o próprio orgulho.

— Como eu disse, vim aqui para levá-la embora e usarei os meios necessários para que isso seja feito. Prefiro, é claro, realizar a tarefa de modo razoável e apelar para a sua inteligência e sensibilidade. Sendo assim, procurei saber tudo sobre a senhorita e o relacionamento entre os seus pais.

— Tal como ele foi.

— É verdade. Infelizmente, breve e irresponsável parecem ser as palavras que caracterizam as últimas... relações íntimas de seu pai fora do casamento.

— Ele teve outras? — Caroline indagou, surpresa, não tanto pelo fato de a mãe não ter sido a única vítima daquele homem, e sim por nunca ter considerado tal possibilidade.

O duque assentiu com um gesto de cabeça.

— Três relações que geraram filhos. Pode haver mais, no entanto as outras damas envolvidas não fizeram reivindicações de paternidade nem pedidos de ajuda financeira.

— Três — Caroline murmurou enquanto o duque continuava o seu monólogo. — Tenho dois irmãos.

— Irmãs — ele a corrigiu, observando-a com atenção, como se Caroline de súbito tivesse se tornado outra espécie rara de inseto. — Encontrar as duas é a próxima etapa da lista de tarefas que deverei completar ainda hoje. Assim, apreciaria se pudesse ser razoável e abandonasse o orgulho e o ressentimento compreensível, e me acompanhasse.

Caroline reconheceu que o pedido do duque era a versão mais leve de uma ordem.

— Minhas irmãs são mais novas ou mais velhas?

— Mais novas. A srta. Simone parece ter catorze anos e a srta. Fiona apenas onze.

Oh, Deus. Crianças.

— E o senhor também pretende acomodá-las e depois prepará-las para casar?

— Quando o tempo for apropriado.

Talvez ela estivesse se preocupando desnecessariamente com o bem-estar das irmãs. Podia ser que as famílias não abrissem mão das garotas. Ou pelo menos teriam os recursos necessários para observarem a influência e o controle do novo duque.

— Qual a presente situação de minhas irmãs?

— Digamos que seja suficiente dizer que penso não ter qualquer dificuldade em pegá-las.

Pegá-las. Como se pega um terno novo, por exemplo. Ou se aceita um título. Ou uma amante.

— E onde nós três ficaremos... — ela começou a perguntar, mas as palavras não saíam, tal o peso que sentia sobre os ombros.

— Acomodadas? Onde vão passar a viver? — ele concluiu.

— Estava pensando em que prisão ficaremos confinadas — Caroline admitiu.

Drayton ignorou a falta de entusiasmo dela.

— A estação das festas terminou há pouco e todos os nobres se retiraram para suas casas de campo. Seu pai tinha uma, é claro, e está entre as propriedades que passaram a ser minhas agora que ele morreu. Pretendo levar as três para residir lá e passarem o próximo outono se preparando para ser apresentadas à sociedade.

Era muito provável que o duque não tivesse a menor idéia de quais preparativos seriam esses, Caroline desconfiou.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

